

IMPARCIAL

Preço da assignatura

Jornal politico, litterario e noticioso

Preço das publicações

Anno (sem estampilha).....17200
Semestre.....600
Anno (com estampilha).....17500
Semestre.....750
Africa anno.....27000
Brazil.....27500
Numero avulso.....40

Publica-se ás quintas-feiras

Proprietario e director—Marcos M. F. Santos Guimarães

Redacção, Adm. inistração, Typographia e Impressão—Rua da Rainha, 121 a 123

Anuncios e com., por linha...40
Repetições.....20
No corpo do jornal, linha..... 100
Anuncios commerciaes, pagos adiantadamente, publicam-se por contracto prévio e os litterarios em troca d'um exemp.ar.

“Interview,, com o sr. conselheiro Julio de Vilhena

Do importante jornal hespanhol, o «Heraldo de Madrid», extrahimos d'uma importantissima «interview» que o jornalista hespanhol D. Luiz Morote teve com o nosso illustre chefe o sr. conselheiro Julio de Vilhena, os seguintes periodos:

«Sabe toda a gente que Julio de Vilhena não tornou a voltar ao Palacio até ao dia 1 de fevereiro, quando foi dar os pezames á familia real pelo tragico attentado. Porque não voltou? Era isto que maior curiosidade me inspirava, embora adivinhasse as causas; e por tal pergunta comeci a confissão do illustre chefe dos regeneradores, Julio de Vilhena, o qual, sem se fazer rogar, fallou-me com toda a franqueza:

Vi o rei a 18 de outubro, para lhe representar os immensos perigos da dictadura, como conselheiro leal, lealissimo, da monarchia. Sou monarchico, e não serei outra coisa em toda a minha vida, succeda o que succeder, porque considero as instituições monarchico-constitucionaes em Portugal como uma condição indispensavel da conservação das colonias. Mas eu disse monarchico constitucional e não absolutista; e, se aquella demencia continuasse, teriamos nós que nos retirar á vida particular uns, e outros que abdicar do crêdo de toda a nossa existência. Figurava eu entre os primeiros, e d'ahi a minha entrevista com o rei D. Carlos.

Sahi desalentado do Palacio, com a morte na alma, convencido de que era inutil quanto se fizesse para deter a marcha do Destino.

O nosso infelicissimo soberano, infelicissimo na «étape» do seu reinado, em que consentiu e auctorizou que se rasgasse a Constituição; infelicissimo, porque todos os seus actos derradeiros contrastavam com a rectidão da sua alma, não quiz prestar aos meus conselhos a attenção que devia, porque eram advertencias desinteressadas, cheias de amor pela sua pessoa e pelas instituições.

Por desgraça sua, João Franco tinha lhe transtornado o juizo.

Era um joguete do dictador, cêra molle que elle arrolava aos seus caprichos. Era um caso de suggestão, de encantamento, e, se eu fosse supersticioso, diria até que de feiticeria.

El-rei, que era um bom portuguez, tinha acabado, com as incriveis suggestões de João Franco, por esta cousa triste:

por não conhecer o seu povo. Tinham-no enganado, fazendo-o crêr que tudo corria bem, que tudo estava socegado, que os universaes protestos dos habitantes do seu reino eram uma invenção de quatro politicos famintos do poder.

Erro enorme! Tratei de tirar as cataratas ao rei, de o reintegrar no affecto e no respeito dos seus concidadãos, que nunca lhe podiam faltar desde que se mantivesse dentro das praticas constitucionaes. Replicou-me com a sua fina cortezia, com a sua grande cordealidade que não o abandonava nunca, como se replicasse a quem em meio d'uma festa interrompesse a alegria, fallando da vida eterna, com importunas allusões á eterna vida.

«Ainda é tempo para Sua Magestade», dizia-lhe eu com a dôr no coração por ter que empregar para com o meu Rei palavras tão ousadas. A saude do Monarcha está em que se acabe immediatamente a dictadura, em que se convoquem as Côrtes, que não pôdem estar dissolvidas legalmente, para o dia 2 de janeiro, em que cahe o prazo legal da sua necessaria reunião. O golpe de Estado de João Franco, encerrando as Côrtes e mantendo as encerradas durante um anno inteiro, não tem, não pôde ter, força de lei. A Constituição manda que se reúna o Parlamento, pelo menos uma vez em cada anno; não se fizeram Camaras novas para obedecer a esse preceito; logo é nullo o decreto de dissolução, que não ia acompanhado do chamamento ao voto do paiz. A doutrina era tão clara, tão logica, tão ajustada ao regimen constitucional dos povos modernos, que eu ainda me não explico como tal se escondia á limpida intelligencia do Rei. Mas este era um encantado, um suggerido, uma victima de João Franco.

E com este enorme desalento sahi do Palacio, disposto a dirigir-me á consciencia dopaiz, a fazer uma campanha na imprensa. Ou a dictadura nos eliminava a todos da vida social portugueza, ou fallariamos tão alto que haviamos de ser ouvidos, e em todo o caso declinaríamos a responsabilidade da tormenta—que já estava sobre as nossas cabeças.

Empreendi, com effeito, uma campanha na imprensa. Escriptos por mim publicaram-se artigos sobre artigos no jornal «O Popular», de brilhante historia, de tradição liberal conservadora, o jornal em que o insigne Marianno de Carvalho, ex-ministro do reino, deixou para sempre gravado o seu genio de grande publicista e de grande patriota.

Que dizia eu n'esses artigos? Dizia ao dictador, para que o rei ouvisse, verdades como pu-

nhos, execrando e mal dizendo a tyrannia, que é contraria ao nosso character, á nossa historia, á nossa rasão de ser no mundo. Aqui nunca houve fanatismo politico, nem fanatismo religioso; aqui, a autocratica arbitrariedade de dictadura era uma planta exotica e maldita que deshonrava Portugal. E todos os meus artigos terminavam sempre annunciando que sobreviria um crime ou uma revolução. «Varie vossa excellencia de programma—dizia eu ao dictador—ou de cartaz na comedia, porque senão chegará infallivelmente o drama. E peçia a Franco que se atrevesse a suspender-nos o «Popular», a pôr-nos uma mordaza a nós outros, os monarchicos regeneradores, como já tinha sido posta aos liberaes e democratas do paiz. Não se atreveu a isso, o desgraçado.

A dictadura era uma coisa contagiosa. Franco creou escola e não havia um dictador só, havia uma nuvem de dictadores. Cada ministro, cada director geral, cada governador civil, cada presidente da camara municipal, era um tyranno e considerava-se investido d'uma missão semi-divina. Seria isto muito para rir, se não nos fizesse tanto tempo chorar! João Franco escolheu os seus colaboradores e os seus servidores entre gente disposta a atropelar tudo e a não sentir escrupulos. Elevou a ministro da justiça um moço que brilhara na Universidade, com todas as experiencias de quem acaba de abandonar as aulas, e dizia-lhe «Redige-me uma lei sobre o assumpto tal». E o moço, deslumbrado, sem nenhuma preparação de governante, n'um abrir e fechar d'olhos, em menos d'uma hora, despachava um decreto legislando sobre todas as coisas divinas e humanas. Em taes mãos estavamos todos nós, a Monarchia e a Nação.

O franquismo constitue uma enfermidade nacional, uma peste, um *cholera morbus* asiatico. Cada franquista tinha um rei na barriga, e julgando-se um super homem tratava de alto a humanidade inteira. E era inutil ou perigoso discutir com um franquista. Tinha a gente de se calar ou de lhe bater, e bater-lhe constituia quasi um delicto de lesa magestade, porque a magestade unica do paiz era João Franco, com fatias de augusta soberania em cada franquista. Uma coisa insupportavel, fastidiosa, não já para a dignidade nacional, mas para a honra pessoal de cada cidadão. N'um povo como este, de tracto cordealissimo, tinha-se tornado impossivel a convivencia social com os loucos perversos d'esses mandarinis que nos des-governavam.

Vós, os estrangeiros, não podeis fazer ideia do que temos soffrido. Regeneradores e pro-

gressistas, formando um bloco monarchico constitucional, reunimo-nos no dia 2 de janeiro para celebrar uma assembleia, como se estivessem vivas as Côrtes, embora nós outros entendessemos que o estavam. Davamos assim uma prova d'amor ao regimen e de patriotismo. Pois bem; porque nós outros, homens de governo, homens d'ordem, não provocamos disturbios nas ruas, ainda por cima soffremos a troça do dictador, exclamando com escandalosa ironia: «Passou o dia 2 de janeiro e não houve nada.» Quer dizer, que desejava, que nos provocava a fazer a revolução, viu-se jámais loucura igual (1).

Pondo-a bem manifesta, escrevi então um artigo vaticinando desditas e que terminava dizendo «Agora o dictador que siga para a frente; que cumpra o seu destino de iman da electricidade nacional».

Era uma cousa unica e nunca vista. Portugal estava peor que a Russia, viciando, ao que se via, impunemente, todas as leis sociaes, politicas e naturaes. E' já impossivel no mundo manter a tyrannia. E' o em povos, como a Russia, onde a historia, a tradição, a vida inteira do povo, o seu amalgama confuso de raças, a sua enormissima população analfabeta, os seus milhões de aldeões acostumados a soffrer o jugo de uma escravidão que vem de seculos, a sua grande extensão, o seu afastamento da Europa, a sua superstição religiosa, tudo emfim, favorece e estimula a persistencia da autocracia.

Como não o hade ser em Portugal, cuja historia e tradições são eminentemente, profundamente, substancialmente, liberaes? Portugal tratado como a Russia! Portugal, onde a religião não opprimiu a consciencia e por isso acostumou os cidadãos á primeira das liberdades, á liberdade da razão! Portugal, que durante um seculo praticou o regimen constitucional, talvez como nenhum outro povo da Terra, excepto a Inglaterra! Portugal, que pôde pôr cathedra de *self-governement*! Portugal, que é o paiz da *tolerancia*, a primeira virtude das sociedades modernas!

João Franco tinha-se empenhado n'esta cousa louca e monstruosa, *inventar, crear do nada* a tyrannia, a dictadura, que a autocratica Russia já não pôde manter. Onde estavam as raizes, as raizes essenciaes para esse regimen novo e inventado? Na burguezia? Não, porque a nobreza, ou não existe, ou é liberal. No clero? Não, porque o clero é liberal. No exercito e

(1) As reuniões alludidas foram no dia 8 de dezembro. Mas a confusão de datas e acontecimentos, n'este ponto, será facilmente corrigida pelo leitor. E' evidente equivoque de Morote.

na marinha? Não, porque o exercito e a marinha são liberaes. Tinha que tirar do cahos da sua ignorancia e da sua inexperiençia uma administração dictatorial, sem o apoio da aristocracia, da burguezia, do clero, da milicia e contra o povo, que é o mais liberal da Terra.

Compreende-se agora a sua loucura, a sua perversão racional, intellectual e moral? Na autocratica Russia, contra a tyrannia, surge o nihilismo e o terrorismo, e isso que pesa sobre o desgraçado povo, o encentral das cadeias e do «knout». Que ia succeder em Portugal, com todas as tradições contrarias ao despotismo? O que succedeu que João Franco não pôde inventar o enraizamento da dictadura e inventou, em troca, o anarchismo. A dictadura sem raizes, sem apoios sociaes, em lacta com a natureza inteira do povo portuguez, tão são e tão bondoso, produziu o fructo maldito de crear a anarchia. E' como se a um corpo são, normal, vigoroso, lhe injectassem, todos os dias, consideraveis porções d'um toxico qualquer.

E agora tardará o corpo a recuperar-se de tantos venenos que o estragaram; sera difficil, não digo impossivel, trazel-o á saude, á normalidade physiologica. A isso nos devemos dedicar todos os liberaes, todos os que amam Portugal, porque no povo, para uma mudança de forma de governo, existem demasiadas manchas das substancias toxicas que lhe injectaram, e, de resto, o estabelecido, só por já ser e estar, é mil vezes preferivel ao ignorado, ao novo. Eu nunca acreditei nem posso acreditar que haja algum partido conservador no mundo que seja capaz de governar sem um amplo espirito liberal. Nós chamamo-nos regeneradores para nos distinguirmos dos liberaes, e não podemos nem queremos governar d'outra maneira. Chamamo-nos regeneradores para regenerar o nosso credito e a nossa Fazenda, e para avigorar e estender o nosso Imperio colonial, para engrandecimento de Portugal, não para outra coisa, nem para tyrannisar ninguem, nem suprimir nenhuma liberdade.

No estado em que ficavam os espiritos ao cahir a dictadura, era impossivel constituir um governo *partidario*—regenerador ou progressista. Por isso nem Luciano de Castro nem eu aceitamos o poder. De resto, accental-o teria sido contrariar, negar, rectificar as orientações bem definidas, do Conselho de Estado. O Conselho de Estado disse que se formasse um governo de *acalmação*, e, em virtude d'isso, pensamos no homem que o podesse personificar. Só havia Ferreira do Amaral, afastado das luctas politicas e homem illustre a todos

IMPARCIAL

os respeitos, com as sympathias universaes do paiz. Numa hora designei os dois regeneradores de cathogoria que pudessem representar o partido, vencendo as naturaes resistencias de todo o homem de partido que só quer servir com o seu chefe. E ahí estão prestando a colaboração dos seus meritos e das suas luzes com perfeita e absoluta lealdade.

Ninguém me pergunte qual é a minha opinião. Agora mesmo acabo de escrever ao «Seculo» que me pedia o meu programma por perguntas e respostas aos problemas pendentes, negando-me redondamente a responder. Tenho o meu programma para quando o meu partido for poder; agora não tenho nenhum sobre o que fará ou deva fazer o gabinete de Ferreira do Amaral. Este governará com as suas ideias e sob a sua unica e exclusiva responsabilidade. Outra cousa seria incorrecta constitucionalmente, e demais arriscado e pouco leal.

Tem elle o nosso apoio sem reservas e distincções; mas nada mais, por que não pôde pretender nada mais, sob pena de confusões politicas perigosas. Para dar o meu conselho ou a minha opinião teria sido melhor governar por minha conta e risco. Vale mais assim; mais vale a pacificação dos espiritos, precedendo uma politica definida, ou progressista ou regeneradora. Estamos curando as feridas da dictadura.

A estas horas, se tivesse accedido o poder, estaria já a voltas com o magno problema da amnistia, necessaria, indispensavel, para a paz de Portugal, mas que talvez se interprete no mundo como uma obra de loucos. Que quer dizer isso, diário, um país em que acabam de matar o rei e o principe herdeiro, e outorgar uma amnistia plena e absoluta? Isso é um povo de doidos! E não sabem elles que mais sabe o doido em sua casa que o avisado na alheia. E não sabem que a dictadura que causou tantos estragos reclama remedios heróicos. Mas, enfim, não opino, não voto, aguardo com a merecida do espectador patriota que o seu amor a Portugal illumine a boa vontade do illustre presidente do conselho, que bem merece das gerações presentes e futuras se conseguir conjurar a crise da nação, que a dictadura arrastou á beira do precipicio...

Chronicas

VIMARANENSES

Acaba de commetter-se um horrendo crime nesta cidade pacata e ordeira!

A imprensa ainda não se referiu a elle; a *meia noz* da praça publica e a *boca cheia* dos botequins não sabem dessa monstruosidade ignobil, que deshonra uma sociedade culta; a policia ainda não se poz em campo para descobrir os auctores do attentado...

E, todavia, o crime deu-se com todos os requintes da maldade e da perversidade!

Passava, rindo e folgando, acompanhada por sua mãe, uma creança travessa, cujo gargalhar se transmitia irresistivelmente a todos os que tinham o prazer do seu convívio...

Ao vêr esse grupo constituído por mãe e filho, punham-se brancos os cabelos das donzelas, os velhos sentiam-se rejuvenescer e os novos buscavam disfarces para as exhibições de fino espirito que tornou outr'o-

ra distincto a *jeunesse dorée* da velha Guimarães...

Passeavam alegremente pelas ruas e pelos largos a creança folgazona e os seus adoradores... Ouviu-se a *sirène* monotonna de potente automovel que corria desenfreadamente por entre a multidão... A creança, em traje de *arlequin*, cabriolava alegremente, despertando as gargalhadas do povo boquiaberto. Mas... oh, horror! o automovel passa por sobre a creança: esmaga-lhe o craneo e tritura-lhe o coração!

O povo fica horrorizado! O automovel continua na sua marcha vertiginosa e a pobre mãe chora, pela primeira vez na sua vida, as lagrimas candentes duma dôr amarissima...

Curioso por indole e perscrutador por necessidade, pois o caso podia dar assumpto para a *chronica*, dirigi-me á mãe desolado e perguntei-lhe:

—Quem és tu?
—Eu sou a *Folia*...
—Como se chama o teu filho?
—O *Carnaval*...
—Então aquella que ia no automovel?...
—Era a *Civilização*!

Romeiro

Bohemia Jornalística

MASCARADA

O carnaval é fúlião... o carnaval é grotesco. Resumindo: O carnaval é a parodia da vida.

Desfivelae-lhe a mascara e tereis a realidade.

O carnaval é simplesmente esta coisa: um pretexto para o riso, para a galhofa, para... o esquecimento.

Ora, um pretexto nunca se defendeu, e já mais procurou justificação que não estivesse na logica dos acontecimentos—previstos.

Quanto tempo dura este intervalo comico?

Como simulacro d'uma alegria ephemera, dura, quando muito, o minuto d'uma hora.

Este minuto é a vertigem. Depois, a mascara cae, e a realidade apparece.

—«Já te matei!»

...A vaidade vestida de modestia, a ipochrisia feita gente seria, o cynico ruborizado, risos e dentes postiços, cabellos e faces pintadas, botas engrachadas e pes sujos, ourivesaria de latão, beijos de Judas, *crachás* a esconder ignominias, titulos a emparedar roubos, a mentira com o *pierrrot* do triumpho, a farça a refucilar no monturo, João Franco a arremedar Donnini...

—«Já te matei, oh mascara!»

Mas, nada deterá o proseguir da parodia. Confunde-te, oh mocidade, no turbilhão das valsas; vae até aos segredos dos *cotés*; inebria-te nos fumos do *champagne*!

—Quem é que acceta este braço?

—Quem me acompanha na orgia?

—E quem dá um *pataco* por este juizo?

C.

Boletim do high-life

Esteve ultimamente em Guimarães o sr. Visconde do Paço de Nespereira, João, nosso illustre conterraneo.

Encontram-se no Porto os nobres Condes de Margaride.

Parte brevemente para o estrangeiro o sr. dr. Pedro de Barros.

Chegou na terça-feira ultima a esta cidade o sr. dr. Francisco Augusto da Silva Leal, merecissimo Juiz de Direito da comarca, assumindo já as funções do seu cargo.

Sua ex.^a retira amanhã para o Porto, onde tenciona passar as ferias do Carnaval.

Tem o seu tanto de burlesco o que ha dias noticiou o *Mundo*. Faltava a nota burlesca para o hymno da dictadura!

«Nas ultimas noites, a policia da esquadra proxima tem atirado para o Jardim do Campo de Sant'Anna revolveres partidos que os curiosos téem verificado serem de barro.»

E esta! De sorte que havia nas esquadras revolveres de barro, fingidos, para fazer numero, com verdadeiros, e comprometter os presos que se queiriam fazer passar por perigosos revolucionarios!

E' simplesmente burlesco sobre o seu fundo de perversidade, que é a caracteristica da seita damnada!

Cerimonia de Cinza

Na proxima 'quarta-feira realisa-se como de costume nas igrejas da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira e Misericordia, a cerimonia de cinza.

Contribuções do Estado

Termina no dia 29 do corrente o praso para o pagamento de todas as contribuções do Estado, relativas ao anno findo, por prorogação concedida pelo ex-ministro da fazenda.

Circulo Catholico

O «Grupo Dramatico Gil-Ventico», annexo ao Circulo Catholico, d'esta cidade, realisa nos proximos dias 1 e 3 de março dois espectaculos em beneficio do mesmo Circulo, cujo programma é o seguinte: «Guerra aos Nunes», «Commendador Aleixo» e «Por causa d'um clarinete», comedias em um acto; «Remorsos», scena dramatica e *Gratia Plena*, poesia.

Preço, 200 reis, sendo o imposto do sello a cargo do publico.

E' pois uma noite bem passada para os espectadores.

Caça

Prevenimos os habitantes d'este concelho de que o tempo defezo de caça principiou em 15 do corrente mez e termina em 31 de agosto.

A prevenção, a avaliar pelos annos transactos, parece-nos desnecessaria, visto não haver quem olhe a sério por este artigo e simililar da pesca, nem ha empregados que os façam cumprir.

Tudo vae bem.

Em suffragio das reaes victimas

A direcção da Associação de Soccorros Mutuos Artística Vimaranesense manda celebrar no proximo domingo, pelas 11 horas da manha, na igreja de S. Francisco, d'esta cidade, uma missa resada em suffragio das almas das reaes victimas D. Carlos I e D. Luiz Filippe.

Para assistirem ao religioso acto foram enviados convites á Camara Municipal, regimento d'infanteria 20, auctoridades judicias e administrativas, collectividades, titulares, etc.

Theatro D. Affonso Henriques

Realizou-se no domingo o annunciado spectaculo em beneficio da Conferencia de S. Vicente de Paula e tuberculosos.

Foi levado á scena o drama em 3 actos, «Um Erro Judicial», o dialogo, a «Judia», e ainda versos intitulados: «Perdida e achada», que foram ditos pelo amador J. Santos, o qual se apresentou regularmente, dizendo sem hesitação, pelo que foi muito applaudido.

Do desempenho do drama diremos que foi completo, mostrando-se todos os interpretes senhores dos seus papeis.

Do conjuncto, destacarêmos pelo trabalho das partes que lhes couberam, os amadores J. Andrade, A. Costa, F. Antas, que se houveram bellamente nas personagens que desempenharam.

A amadora D. Catharina, apezar de ser a primeira vez que pizou o proscénio, andou bem, á parte ligeiras hesitações, sempre de prevêr, e desculpaveis, a quem pela primeira vez se apresenta em publico, e ainda n'um papel de responsabilidade, como aquelle que desempenhou.

Se continuar, o «Grupo Dramatico Beneficente» poderá ter n'esta amadora um grande elemento para o conjuncto do «Grupo.»

Os restantes, A. Faria, F. Antas, J. Amaral, A. Vianna etc. concorrerem para o bom exito.

Deixamos pr'o fim, o referir-nos á «Judia», visto que foi o *clou* da noite.

Causou franca gargalhada, pelas peripécias a que deu lugar, e foi até bizada, sendo os amadores A. Costa e J. Andrade muito applaudidos, e com toda a justiça, pela maneira porque disseram o dialogo.

No final houve chamadas a todos os interpretes e ensaiador o nosso amigo sr. Francisco Costa Torres.

Continuem a entreter-nos com bom theatro, que todos lucraremos.

Quarenta horas

Na solemnidade das quarenta horas, que se realisa nos dias 1, 2 e 3 de março proximo, na igreja parochial de Santa Eulalia de Barrosas, pregará o illustrado ecclesiastico, rev. Paulino Affonso, digno abbade da freguezia de S. Clemente de Sande, d'este concelho, e escriptor muito apreciado.

Balles de Mascaras

Em beneficio do fiel e bilheteiro do theatro D. Affonso Henriques, realisam-se nas noites de domingo gôrda e terça-feira de Carnaval, n'aquella sala de spectaculos, dois attrahentes bailes de mascaras.

O theatro achar-se-ha lindamente ornamentado.

Asylo de Santa Estephaala

A'Irmã Superiora d'este asylo foram entregues no mez de janeiro findo os seguintes donativos:

Do ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Arcebispo de Braga, 10:000; dos ex.^{mos} snrs.: D. Maria José Leal Sampaio, para suffragar a alma de seu marido, 2:500; D. Antonia d'Arcujo Fernandes, 2:500; dr. Adelino Pinto Tavares F.rrão, para suffragar a alma de seu filho, 5:000; dr. Aveilino Germano da Costa Freitas, para suffragar a alma de seu filho, 5:000; Joaquim Lopes de Carvalho, para suffragar a alma de seu filho Joaquim Lopes de Carvalho Junior, 5:000; sobrinhos do rev. padre Joaquim Martins Pereira, para suffragar a alma de seu tio, e as asyladas assistirem aos officios, 10:000; D. Maria José Leal Sampaio, com a condição de mandar dizer uma missa e de assistirem a ella as asyladas, em suffragio da alma de seu marido, 5:500; D. Luiza Cardoso Martins de Menezes (Margaride), um bacorinho para crear; Comendador Luiz José Fernandes, uma pipa de vinho, 4 razas de batatas e 2 razas de feijão; um anonymo, 3 kilos d'açúcar e 3 kilos de aletria para a sobrezeza do dia de Reis; um anonymo, 10:000.

Exercicios espirituaes

Na capella de S. Barnabé, em Braga, estiveram ultimamente fazendo exercicios espirituaes os reverendos padres Antonio Teixeira de Carvalho e Luciano Themudo Barbosa, aquelle parochio da freguezia de Santa Marinha da Costa e este da de Villa Nova das Infantas, ambas d'este concelho.

Preço dos generos

No mercado de sabhado venderam-se os generos pelos preços seguintes:

Trigo, 960; centeio, 680; milho alvo, 720; dito branco, 720; dito amarello, 700; feijão vermelho, 13400; dito branco, 13400; dito amarello, 13100; dito rajado, 13000; dito fradinho, 760; batatas, 600; ovos, duzia, 130; gallinhas, cada uma 600 reis.

FRIEIRAS

Curam-se e sente-se alivio immediato com o **Balsamo Celeste de Fernando Morgado, premlado na Exposição Internacional de Madrid de 1907.**

Cada frasco custa 400 reis. A venda nas pharmacias, drogarias e perfumarias.

Agente em Guimarães — João Gualdino Pereira.

PHARMACIA
SILVA

Mudou da rua de Santo Antonio para a rua da Rainha, n.º 113 a 115.

Official de sapateiro

Precisa-se d'um official de sapateiro. N'esta typographia se diz.

Sapataria
Vimaranense

DE
Antonio Miguel d'Oliveira

8—Rua de Camões—12

Guimarães

Grande deposito de calçado.

Executa-se calçado de encomenda com rapidez.

Preços modicos.

Atenção

Acaba de chegar á Confeitaria e Mercaria Barboza um variado sortido de chromos e de lindas colleções de bilhetes postaes illustrados.

Officina de carpinteria

DE
Lourenço da Silva Fernandes

Rua do Dr. José Sampaio

Guimarães

O proprietario, d'esta officina executa com o maior esmero e maxima pontualidade toda a obra concernante á sua arte, tanto a jornal como a empreitada. Tambem se encarrega de fazer vasilhas de todas as dimensões.

Incumbe-se de medições de terrenos, levantar plantas e bem assim orçamentos d'obras. N'esta officina encontram-se as melhores madeiras.

Bócca freguezia de Santa Christina de Longos, d'esta comarca, a saber:

Uma morada de casas, que outrora foi dividida em duas, composta de diversas dependencias, construida de pedra e tabique, sem numeros de policia, situada na rua Nova do Commercio, d'esta dita cidade, tendo dous andares e sotãos, de natureza de praso, foreira no dominio directo a Simão Ribeiro, negociante da mesma rua, a quem se paga o fóro annual de 180 reis em dinheiro, e duas gallinhas, com o laudemio da quarentena, e tambem censuaria ao mesmo com o censo de 103 reis em dinheiro, annual, por haver arrematado os mencionados fóro, censo e respectivo laudemio na repartição de Fazenda do districto de Braga, em 20 de Junho de 1902, os quaes antigamente se pagavam á Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de esta referida cidade, sendo igualmente censuaria á igreja de Sam Miguel do Castello, d'esta mesma cidade, a quem se paga o censo annual de 215 reis em dinheiro, e, finalmente, tambem censuaria á Curaria de Nossa Senhora da Oliveira, d'esta referida cidade, a quem se paga o censo annual, de 25 reis em dinheiro.

Acha-se avaliada livre do fóro, do laudemio e dos censos, na quantia de 6507852 reis e será entregue a quem mais offerecer acima da avaliação.

Declara-se que toda a contribuição de registro fica a cargo do arrematante, bem como as despesas da praça.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos querendo.

Guimarães, 14 de Fevereiro de 1908.

Verifiquei,

Conde de Margaride

O escrivão ajudante,

Manoel Ribeiro de Souza Mascarenhas.

Estabelecimento

Passa-se um em excellentes condições.

Quem o pretender dirija-se a esta redacção.

lho branco e centeio a 500 reis, 78:000; 12 decalitros de feijão a 750 reis, 4:500; 2.555, e 520 millilitros de vinho verde, correspondentes a 5 pipas ao preço de 13:500 reis, 67:500.

Somma, 150:000.

DESPESA

Importancia da primeira e segunda prestação da contribuição predial do anno de 1906, (documento n.º 1,) 36:610.

Importancia do fóro que pagou a José Joaquim Gomes da Silva, (documento n.º 2,) 10:238.

Importancia das congruas que pagou, conforme os documentos n.º 3 e 4, 890.

Diversas despesas feitas com a recepção dos rendimentos, (não tem recibos), 3:000.

Sellos nos documentos, 380.

Rubricas a pagar ao Excellentissimo Senhor Juiz, 160.

Pago ao solicitador Jeronymo de Castro, por organizar estas contas e requerimento para as apresentar, 1:000. 52:278.

Saldo a favor dos herdeiros existente em poder d'elle inventariante, 97:722 reis.

Guimarães, vinte e seis d'Agosto de mil nove centos e sete.

Abilio Alfredo da Silva Cunha.

Guimarães, aos trez de fevereiro de mil nove centos e oito.

Verifiquei

Conde de Margaride

O escrivão ajudante,

Manoel Ribeiro de Souza Mascarenhas.

Annuncio

Arrematação

(2.ª publicação)

NO dia 8 de Março, ao meio dia vae á praça, para ser arrematada á porta do Tribunal Judicial, d'esta comarca, sito á rua das Lamellas, d'esta cidade, uma morada de casas, abaixo mencionadas, isto por accordo de todos os interessados, no inventario de maiores a que n'este Juizo se anda procedendo por obito de Theolinda Maria do Carmo, solteira, e moradora que foi na rua Nova do Commercio, de esta cidade, e no qual é inventariante Maria Vaz da Costa, solteira, maior, reservataria, do logar da

Guimarães, secretaria da Irmandade de S. Torquato, 25 de fevereiro de 1908.

O Secretario,

José Pinheiro

Arvores

Carvalhos—Lodos—Cerdeiras—Ailantos—Platanos—Catalpas—Accacias—Aveleiras—Nogueiras pretas e brancas—Nespereiras—Magnolios—Figueiras—Ameixieiras carangueiros—Romanzeiras de flôr dobrada—Australias—Mimosas e vides vinhôas, casta muito productiva.

Vende Francisco d'Azevedo, rua de Camões.

Aos bons corações

Lembramos a infeliz Maria José Pinto, moradora na rua de Santa Luzia, á Ponte, que se encontra actualmente a braços com a terrivel tuberculose.

Egualmente lembramos o infeliz Manoel Francisco de Abreu Cancellia, morador na rua da Ramada, que tambem se encontra atacado da mesma terrivel doença.

Tambem lembramos aos bons corações a tuberculosa Roza Maria, moradora no logar das Fontes, freguezia de Santo Estevão de Urgez.

Mais outra infeliz victima da tuberculose lembramos aos bons corações; chama-se José Salgado, é casado, tem 78 annos e mora na rua d'Arcella, n.º 68.

Annuncio

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Guimarães, e cartorio do escrivão do 2.º officio que este assigna, correm editos de 30 dias que se começarão a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio, citando Antonio da Silva Cunha, casado, negociante, residente em parte incerta, para no praso de dez dias, findos os mesmos editos, deduzir por embargos qualquer opposição que se lhe offereça, querendo, sobre as contas apresentadas pelo inventariante Abilio Alfredo da Silva Cunha, casado, negociante, do Campo do Tournal, d'esta cidade, e extrahidas do inventario orphanologico a que n'este Juizo se procedeu por obito de João José da Cunha, viuvo, e morador, que foi, no Campo do Tournal, d'esta mesma cidade, e cujas contas são do theor seguinte:

RECEITA

312 decalitros de mi

EXPEDIENTE

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje parte d'algum noticiario, do que pedimos desculpa aos nossos presados assignantes e leitores.

Roma e Pavia não se fizeram n'um dia. E querem que d'um só folego o governo arrase a montanha de arbitrariedades com que os franquistas tentaram a Deus e aos homens! O ministerio vae pousadamente para não deixar atraz dos seus passos os clamores d'alguns direitos molestados. Mas como caminha de vagar, mais nitidas são as suas pégadas e mais ajudados são os seus propositos.

Querem já a amnistia geral?

Crêmos que o governo a não recusará, mas não deve negar-se-lhe a obrigação de bem se informar do passado para saber, em consciencia, o que vae conceder. Não ha duvida que houve revoltosos...mes esses eram todos os homens liberaes. A amnistia bafeja-nos a todos porque todos conspiravamos. Certamente, não podem ser incluídos aquelles que praticaram o attentado de 1 de fevereiro, se é que não são todos mortos.

Ninguem pretende o contrario, nem republicanes nem monarchicos. Os que se revoltaram contra a tyrannia, não podem deixar de ser amnistiados, ou então os apóstolos da liberdade seriam suas victimas.

Emfim, a amnistia está no coração do jovem rei e no programma do governo e vira em breves dias.

Alterações de feriados

Com a morte inesperada de el-rei D. Carlos e do príncipe real D. Luiz Philippe, deixam de ser feriados os dias 21 de março, annos de S. A. R. e 19 de outubro, anniversario da morte de el-rei D. Luiz. Subsiste o feriado de 28 de setembro, annos de el-rei D. Carlos, por ser tambem n'esse dia o anniversario de S. M. a Rainha Senhora D. Amelia e passam a ser feriados os dias 1 de fevereiro, anniversario da morte do sr. D. Carlos e 15 de novembro, o anniversario de el-rei D. Manoel, que até aqui era de simples gala.

Assembleia geral

POR ordem do Ex.º Sr. Juiz da Irmandade de S. Torquato, são convidados os irmãos de esta Irmandade a reunirem se na sua sacristia, no proximo domingo, 1 de março, pelas 10 horas da manhã, para o fim de proceder-se á eleição da Mesa gerente para o proximo anno economico de 1908-1909.

Não comparecendo numero legal para poder funcionar a assembleia, ficará esta addiada para o dia 8 do mesmo mez, ás mesmas horas.

IMPARCIAL

ATELIER DA MODA

Guimarães

Chapeus para senhoras e creanças

Confeccionam-se e modificam-se pelos ultimos figurinos.

Variado sortido para a estação do inverno.

Maria da Oliveira da Costa Roriz

Rua dos Terceiros

GUIMARÃES

PREÇOS MODICOS

Antiga Casa de Villa Pouca

PROPRIETARIO

JOSÉ SOARES VASQUES

EX COSINHEIRO DO GRANDE HOTEL DO TOURAL

Esta antiga casa, uma das mais bem situadas de Guimarães, encontra-se actualmente em condições de bem servir os seus estimados freguezes. E' dirigida com o maior esmero pelo seu proprietario o qual espera a preferencia dos seus amigos e estimados freguezes, certos de que serão sempre bem servidos.

Bom serviço de meza.

Jantares para tora.

Pasteis de diversas qualidades.

Vinhos de diversas procedencias.

Preços modicos.

Ao Restaurante de Villa Pouca, pois.

GUIMARÃES

Tecidos de Linho e d'Algodão

Camisaria e Gravaria

DE

José de Freitas Costares

Rua da Rainha (à Porta de Villa)

Guimarães

N'este antigo estabelecimento encontra-se sempre, alem dos atalhados e pannos de linho do seu fabrico, um grande e variadissimo sortido em camisas e seroulas, brancas e de zefir, collarinhos, punhos, gravatas, roupas bordadas para senhora, etc. etc.

O proprietario d'esta casa encarrega-se de mandar executar com todo o esmero enxovaes para casamento e baptizado, para o que está em contracto especial com uma das mais importantes fabricas de roupas brancas da capital do Norte.

Officina de carpinteria

DE

Lourenço da Silva Fernandes

Rua do Dr. José Sampaio

Guimarães

O proprietario, d'esta officina executa com o maior esmero e maxima pontualidade toda a obra concernente a sua arte, tanto a jornal como a empreitada. Tambem se encarrega de fazer vasilhas de todas as dimensões.

Incumbe-se de medições de terrenos, levantar plantas e bem assim orçamentos d'obras.

N'esta officina encontram-se as melhores madeiras.



Deposito de polvora do Estado

E

Agencia da Companhia de Seguros contra fogo

A PORTUENSE

(Antiga Casa Sequeira)

Rua de S. Damazo—Guimarães

Não quereis ter feridas?

Por mais antigas que ellas sejam curam-se em poucos dias usando se simplesmente a milagrosa pomada preparada pelo hespanhol D. Alonço.

Aos padecentes aconselhamos pois esta pomada, que se encontra á venda na—rua de S. Damazo n.º 21, (Antiga casa Sequeira) Guimarães.

Peitoral calmante d'Avlis

Maravilhoso medicamento para combater todas as molestias, e especialmente Bronquite, Coqueluche, Influenza, Gripe, etc., etc.

Cura frequente da tosse em poucos dias.

Deposito geral

PHARMACIA SILVA

Rua da Rainha

GUIMARÃES

A maravilha dos Cabellos

Este remedio é o unico no genero, que até hoje tem apparecido com mais exito. Não só faz crescer o cabelo como impede a sua queda e evita a caspa

Preço do frasco 610 reis.

Deposito geral: PHARMACIA SILVA.

Rua da Rainha

GUIMARÃES

SEMENTES DE HORTALIÇAS DEPOSITO

Da Polvora do Estado

Já chegaram as novas sementes de hortaliça para as novas sementeiras ao estabelecimento de José Joaquim Vieira de Castro.

Rua de S. Damaso n.º 17 a 21

Antiga Casa Sequeira.

GUIMARÃES

Nova Officina de Calçado

DE

JOSÉ RODRIGUES

Largo de Franco Castello Branco

GUIMARÃES

O proprietario d'esta officina, recentemente montada, participa aos ex.^{mos} vimezanenses e ao publico em geral que na sua officina se fabrica calçado de sola, tanto para senhora como para homem ou creança.

Botas e sapatos com solaria de borracha. Os seus freguezes teram sempre bons cabedades, das melhores fabricas nacionaes e estrangeiras.

Promette servir bem os seus estimados freguezes, pois que garante a perfeição e segurança das suas obras.

Chapeus—Modas

Na vitrine do estabelecimento do snr. Camillo Laranjeira dos Reis estão em exposição formosissimos chapeus para senhora, pelos ultimo figurinos.

N'aquelle estabelecimento recebem-se encomendas para confeccionar e modificar chapeus pela ultima moda, lavar e lustrar chapeus de palha e tudo o que é concernente a este genero. A senhora que se encarrega d'estes serviços habilitou-se ultimamente com uma das mais habeis professoras portuenses. Preços modicos.

Ordens de pagamento e recibos para junta de parochia

Vende-se na typographia Guize, —rua de Santo Antonio, Guimarães.

Gualterianos, Vimezanenses João Franco.

Collarinhos o que ha de mais novidade.

A' venda na Camisaria Freitas—Rua da Rainha, a Porta da Villa—Guimarães

Professora de flôres artificiaes, bordados a matiz, ouro, etc., etc.

Lecciona em casa da alumna ou em sua casa—rua da Rainha n.º 166 a 168, Guimarães.

600\$000 REIS

Dá-se esta quantia a juros por hypotheca.

Quem a pretender, pode dirigir-se a esta typographia.

Phacelia Tanacetipolia

Recommendada pelo jornal «O Lavrador», para o pasto das abelhas.

Vende-se na Casa das Sementes—de José Joaquim Vieira de Castro, Rua de S. Damazo, 19, (Antiga casa Sequeira)—Guimarães.

A' Rédea Solta

Collecção de contos nacionaes e estrangeiros, escolhidos e reunidos por Eduardo de Noronha.

Um bello volume de 206 paginas, nitidamente impresso em bom papel=300 reis.

Pedidos á livraria França Antado—Coimbra.